



UFAM

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA MUNICIPAL DA ALDEIA DO MURUTINGA¹

AZEVEDO, Ana Mary Melo²

RESUMO: É importante destacar que por serem adotados os estágios numa área indígena no trabalho de pesquisa voltado para a valorização dos jogos, brincadeiras, danças tradicionais nas aulas de educação física na educação escolar indígena, não seja possível que a escola, os alunos, a comunidade conheça e desenvolva através das aulas de educação física o domínio em outras modalidades esportiva de outras culturas, favorecendo assim, a construção de novos conhecimentos com a realidade do outro e valorizando a diferença do outro. Ao adotar alguns jogos e brincadeiras tradicionais, como exemplo, cabo de guerra, rabo de macaco, piracola, pula corda, cabo de guerra e corrida de bastão que fossem diferentes do jogo de futebol, o qual se tornava muito repetitivo, porém, não enjoativo, pois os alunos gostavam muito de praticarem o futebol chamou muita a atenção de todos os participantes do processo educativo na escola e mais, até os pais de alunos que moravam na aldeia iam assistir as aulas diferenciadas do que eles tinham o costume de verem pela janela de sua casa as atividades da educação física outrora realizada. Foram gratificantes as experiências adquiridas pela professora pesquisadora em estágio, pois percebeu a importância do dinamizar o plano de aula, contextualizar os conteúdos programáticos a realidade do educando e trabalhar o coletivo na revitalização dos jogos, da arte indígena, pois foi com o apoio dos líderes da aldeia, da gestora da escola, dos professores e dos alunos que as aulas foram desenvolvidas, o estímulo proporcionado na relação amigável entre professor/aluno; aluno/professor; professor/professor; gestora/professor e professor/gestora; comunidade/escola; escola/comunidade. Com uma proposta metodológica na ação-reflexão-ação em buscar revitalizar e valorizar os jogos e recreação tradicionais da aldeia, da realidade do aluno, as aulas práticas de educação física nos estágios se tornaram dinâmicas. Em seu aspecto pedagógico, a escola indígena deve se contrapor à escola oficial como uma escola que se vincula com a sociedade, uma escola dos índios e a serviço deles, de seus interesses culturais, sendo um instrumento competente e crítico no contato com o mundo envolvente. Essa escola deve se constituir em instrumento de saber, na busca de sua autonomia como organização, deve estabelecer seus próprios objetivos, prioridades, conteúdos e metodologia e como espaço de resistência, ao exercer sua prática intercultural, a escola indígena busca articulação com outros movimentos sociais para assegurar seus direitos fundamentais de conformidade com RCNEI - Parâmetro Curricular Nacional para Escolas Indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Cultura indígena; Contextualização; Revitalização.

² Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física Modalidade a Distância, orientado pelo professor Dr. Ivan de Jesus Ferreira - UFAM/AM.

¹Aluna do Curso de Licenciatura em Educação Física – Universidade Federal do Amazonas/ AM.

SUMMARY: It is important to note that the stages are adopted by an indigenous area in the research work focused on the valuation of games, plays, dances in traditional physical education classes in indigenous education, it is not possible for the school, the students, the community learn and develop through physical education classes in the domain of sports other sports other cultures, thus promoting the construction of new knowledge with the reality of others and valuing the differences of others. By adopting some traditional games and plays, as an example, tug of war, monkey tail, pira-cola, jump rope, tug of war and race staff that were different from the game of football, which became very repetitive, however, not cloying, as the students were very fond of practicing football drew much attention from all participants in the educational process at school and more, even parents of students who lived in the village would attend classes differentiated than they were in the habit of seeing the window of his house physical education activities formerly performed. Were rewarding experiences gained by the teacher researcher on stage, because he realized the importance of boosting the lesson plan, syllabus contextualize the reality of the learner and the collective work in the revitalization of the games, the indigenous art, it was with the support of leaders the village, the school management, teachers and students that classes were developed, the stimulus provided in the friendly relationship between teacher / student, student / teacher, teacher / professor; manager / teacher and teacher / manager; community / school; school / community. With a methodology in action-reflection-action in seeking to revitalize and enhance the games and recreation traditional village, the reality of student practical classes in physical education internships have become dynamic. In his pedagogical aspect, the indigenous school must counter the official school as a school that is linked to society, a school for Indians and their service, their cultural interests, being a competent and critical instrument in contact with the surrounding world. This school should be an instrument of knowledge, in search of his autonomy as an organization should establish its own goals, priorities, content and methodology and as a space of resistance, in exercising their intercultural practice, the school seeks Indian cooperation with other social movements to ensure their compliance with fundamental rights RCNEI - Parameter National Curriculum for Indigenous Schools.

KEYWORDS: Physical Education, Indigenous Culture, Contextualization; Revitalization.

1. INTRODUÇÃO

A importância e contribuição do estágio supervisionado na minha formação profissional é de fato a temática deste trabalho de conclusão de curso. Através da pesquisa de campo na linha de pesquisa, educação escolar indígena possibilitou o olhar diferenciado no processo educativo da Educação física na área indígena, isto é, numa escola indígena.

Tem objetivo de mostrar que a educação física na educação escolar indígena contribui na valorização da cultura indígena no desenvolvimento das crianças, pelas aprendizagens e transformações que a disciplina induz, sobretudo nos domínios motor, afetivo e cognitivo. Como também, na revitalização e valorização dos jogos, recreação, brincadeiras, danças, pintura e músicas tradicionais dos alunos Mura da Escola Indígena Manoel Miranda.

A Educação Física é entendida como uma área que trata de um tipo de conhecimento, denominado CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos.

Nas escolas indígenas, as aulas de Educação Física podem ser um espaço onde as crianças e os jovens comecem a sistematizar as informações e conhecimentos sobre esportes como o vôlei, o futebol e o atletismo, que chegam até

eles por meios de comunicação, do contato com não índios e da prática dos próprios adultos nas comunidades em que vivem.

Em suma, a Educação Física escolar indígena deve estar voltada para objetivos, compatível com as demandas e realidades indígenas atuais: trata-se de fazer com que o aluno, a partir dos conhecimentos próprios de sua cultura e dos conteúdos aprendidos nas outras disciplinas escolares, conheça e avalie criticamente aqueles elementos da "cultura corporal de movimento" (brincadeiras, jogos, esportes, exercícios de ginástica, danças, lutas etc.) da sociedade envolvente que, na perspectiva indígena, forem mais interessantes e atraentes. Ou seja, é compreendida a importância formativa desta área enquanto disciplina que corporiza as atividades físicas com significado cultural.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1 - AS ORIGENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO MUNDO E NO BRASIL

A organização e a sistematização do ensino da Educação Física, principalmente no âmbito escolar, tem origem no que se convencionou denominar de Escolas ou Métodos de Ginástica. Surgidos na Europa, no início do séc. XIX tem como epicentro a Alemanha, a Suécia e a França. Embora apresentando características e origens com acentuada distinção, a visão em perspectiva histórica poderá assinalar uma grande quantidade de pontos comuns entre os diferentes métodos.

As três principais escolas tem em comum o caráter de organização militar, com ênfase na disciplina exercida pelo professor sobre os alunos. A par dos objetivos de preparação e desenvolvimento das qualidades físicas e motoras – tais como a força, a resistência, a velocidade, o equilíbrio, a agilidade e a destreza – são unânimes quanto à preocupação com o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das características ligadas à personalidade, tais como a coragem, a bondade e os princípios virtuosos.

Defendem a importância da exercitação vigorosa para a formação completa do indivíduo, porém observando parâmetros de dosagem do esforço, adaptação às características de idade e sexo do praticante e organização sistemática das atividades, baseadas nos conhecimentos científicos, destacando-se a anatomia e a fisiologia humanas como pontos fundamentais de referência na construção do método.

Na passagem do Século XIX para o Século XX, vem se juntar, aos objetivos de caráter disciplinar e moral, as preocupações com a saúde e a higiene, além da influência da prática esportiva que começa a tomar corpo principalmente nas escolas públicas da Inglaterra. Mediante Soares (1994 p.62-63):

A partir da primeira década do século XIX, a educação física é sistematizada em **métodos**, ganha foros científicos e é disseminada como **grande bem** para todos os **males**, como protagonista de um corpo saudável. Sempre vinculada à saúde biológica a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. O corpo, do qual se ocupa, é o corpo anátomo-fisiológico. É ele que será a referência fundamental de seu desenvolvimento enquanto prática social.

Durante as primeiras três décadas do séc. XX, as aulas de Educação Física seguiram a orientação dos métodos de ginástica tendo como aplicação principal as determinações do método francês. Conforme Giulianotti (2002, p.18):

No início do século XIX as escolas públicas da Inglaterra degeneraram-se em focos de anarquia e revoltas incipientes com constantes motins, que davam mais vida aos cursos. Em 1828, Thomas Arnold, tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rugby e revolucionou a educação moral dos jovens ricos da nação. O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de **mens sana in corpore sano**.

Intelectuais de grande respeitabilidade são convocados a prestar colaboração no planejamento da educação pública. Dentre esses intelectuais, destaca-se Fernando de Azevedo, que apesar de não possuir formação específica na área da educação física, trouxe grande contribuição para a elevação desta disciplina, ainda de certa maneira discriminada, à categoria de atividade indispensável para o completo desenvolvimento do indivíduo em idade escolar.

A partir da década de 30, várias serão as influências que determinarão o ensino e a prática da Educação Física Escolar. Wagner Wey Moreira (1995), em seu livro Educação Física: uma abordagem fenomenológica propõe a divisão em períodos, classificados de acordo com algumas características predominantes de cada época, a saber:

- *Período Higienista*: nas três primeiras décadas do século XX em que a orientação principal era a higiene e a eugenia. Dominada principalmente pela influência do pensamento médico;
- *Período Nacionalista*: abrange o período do Estado Novo, da ditadura de Getúlio Vargas. O predomínio dos temas patrióticos, da formação paramilitar, das grandes manifestações cívicas;
- *Período Pedagogista*: define as influências de psicólogos e pedagogos ilustres como Anísio Teixeira. Sofre influência da doutrina da chamada Escola Nova;
- *Período Competivista*: tem seu período mais influente na década de 70, durante os governos militares. Caracteriza-se pelo predomínio dos objetivos esportivos e de alto rendimento. O paradigma é o movimento esportivo olímpico, a função das aulas de educação física é a descoberta de talentos esportivos e o incentivo à prática do desporto, para a consolidação de uma elite desportiva nacional;
- *Educação Física Popular*: é uma proposição de caráter particular do autor, porém baseada nas mudanças por que passa o país após o processo de redemocratização.

Oriunda das discussões travadas nos vários congressos nacionais de educação física que ocorreram, no país durante os anos 80 do século XX tem forte conotação ideológica, inspira-se na participação política do cidadão na elaboração das leis e diretrizes que nortearão a vida nacional, em especial a educação.

2. 2 - BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO

2.2.1 - Ensino Infantil - LDB 9394/96-

Conforme o Art 4º, item IV- é dever do Estado o atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade sendo de responsabilidade dos municípios ofertarem o ensino infantil nos espaços de creches e pré-escolas. O suporte dado pela legislação favorece a educação infantil:

Sessão II Art. 30, é determinado que “A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade”. Convém ressaltar que, com a ampliação do ensino fundamental para 9 anos, as crianças de seis anos de idade passaram a fazer parte do ensino fundamental. (Lei 9394/96).

2. 2.2 - RECNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil)

Volume III- **Conhecimento de Mundo**, seis documentos que evidenciam os eixos de trabalho que os professores da educação infantil devem implementar como objetos de conhecimento que devem ser tratados pedagogicamente na educação física e relacionados com as linguagens da própria criança. (p.6 a 7 caderno texto)

- movimento
- música
- artes visuais
- linguagem oral e escrita
- natureza e sociedade
- matemática

Observe que o Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena aponta caminhos, porém deixa ao professor a liberdade para escolher suas estratégias de ensino.

2.2. 3 - Ensinos Fundamental I e II - Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

O Ensino Fundamental é uma das etapas da Educação Básica no Brasil. Está dividido em dois ciclos, o primeiro ligado aos cinco anos iniciais e o segundo ciclo relativo à fase final dos nove anos que correspondem ao Ensino Fundamental. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira estabelece no seu art. 32 que o objetivo do Ensino Fundamental é a formação do cidadão, mediante os seguintes aspectos:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Interessante destacar que foi implantado nos sistemas educacionais brasileiros, a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos, sendo incorporado neste nível de ensino as crianças de 6 anos de idade que antes faziam parte da Educação Infantil. Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação o próprio Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2000) expõe também a necessidade de:

Ampliar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos pela inclusão das crianças de seis anos de idade [...] oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade.

Tal iniciativa reflete de certa forma o interesse crescente no Brasil na ampliação do Ensino Fundamental, cuja evolução pode ser comprovada nos seguintes dados representativos do tempo de escolaridade: Em 1961 – 4 anos; 1970 - 6 anos, em 1971 – 8 anos e, a partir de 1996, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, institui-se o Ensino Fundamental de 9 anos, determinando inclusive o prazo que os sistemas de ensino têm para sua implantação. (BRASIL, 2007):

[...] cabe, ainda, ressaltar que o Ensino Fundamental de nove anos é um movimento mundial e, mesmo na América do Sul, são vários os países que o adotam, fato que chega até a colocar jovens brasileiros em uma situação delicada, uma vez que, para continuar seus estudos nesses países, é colocada a eles a contingência de compensar a defasagem constatada.

A implantação do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos pode ser organizada do ensino em séries, ciclos e outros, conforme sugere a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, tendo-se os anos iniciais e os anos finais.

2. 2.5 - Escolas Indígenas - Conselho Nacional de Educação Parecer n.º 14/99

No que se refere às escolas indígenas, em 1999 o Conselho Nacional de Educação elaborou o Parecer n.º 14/99 (BRASIL, 1999) sobre *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena*. Levando em consideração a necessidade de superar a longa história de imposição de modelos educacionais estranhos à cultura dos povos indígenas e as aspirações desses povos por uma educação que respeite e valorize suas identidades étnicas, essas diretrizes partem do artigo 210 § 2º da Constituição, que diz: O ensino regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira reforça esse direito, definindo em seu artigo 78 que “O sistema de ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrantes de ensino e pesquisa para a oferta de educação bilíngüe intercultural aos povos indígenas”.

Ao lado da valorização dessas culturas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira também atribui às escolas indígenas o objetivo de “possibilitar o

acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional” (artigo 78). Considerando-se que a professora ou o professor que atua nas escolas dessas comunidades devem ter conhecimentos específicos, essas diretrizes também contemplam a formação desses professores.

3. A IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 – Escola Municipal Indígena Manoel Miranda - Educação Física diferenciada e independente da escola

Em todas as fases dos estágios supervisionados realizados na Escola Municipal Indígena Manoel Miranda na Aldeia do Murutinga nas modalidades de ensino da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II: observação, participação e regência, concluiu-se que o profissional de educação física ao trabalhar na área indígena deve conhecer os estágios do desenvolvimento dessas fases e a realidade cultural dos alunos, para proporcionar os estímulos adequados a cada etapa. Agindo dessa forma, o desenvolvimento será mais harmônico no campo motor, cognitivo e afetivo-social, trabalhando assim, o ser na sua forma integral.

Na escola dos não índios, a Educação Física é a disciplina que introduz e integra o aluno naquilo que os especialistas da área chamam de "*cultura corporal de movimento*", ou seja, o conjunto de conhecimentos culturalmente produzidos que se referem à movimentação do corpo. A área da Educação Física trabalha, portanto, com os vários conhecimentos sobre os movimentos do corpo humano, que se acumulam ao longo do tempo e que se transmitem numa determinada sociedade. As brincadeiras, os jogos, os esportes, as lutas, as danças e as formas de ginástica fazem parte da chamada "*cultura corporal de movimento*".

Gersem dos Santos, professor Baniwa, Am apud Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena (2002):

Todo projeto escolar só será escola indígena se for pensado, planejado, construído e mantido pela vontade livre e consciente da comunidade. O papel do Estado e outras instituições de apoio devem ser de reconhecimento, incentivo e reforço para este projeto comunitário. Não se trata apenas de elaborar currículos, mas de permitir e oferecer condições necessárias para que a comunidade gere sua escola. Complemento do processo educativo próprio de cada comunidade, a escola deve se constituir a partir dos seus interesses e possibilitar sua participação em todos os momentos da definição da proposta curricular, do seu funcionamento, da escolha dos professores que vão lecionar, do projeto pedagógico que vai ser desenvolvido, enfim, da política educacional que será adotada.

A Educação Física indígena para avançar, é necessário que todas as pessoas envolvidas e interessadas na questão - a começar pelos professores e lideranças indígenas das diversas regiões do Brasil – dialoguem com mais frequência e procurem afinar seus pontos de vista para uma Educação Física diferenciada, assunto este está ancorado na ideia de que, em todas as sociedades, independentemente da escola, existem atividades envolvendo transmissão de conhecimentos e valores referentes ao uso do corpo.

“A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele”. Brasil apud Lopes, (2006). Conforme Faria (1999): “A criança, assim, não é uma abstração, mas um ser produtor e produto da história e da cultura”.

“Dança da Cutia” – Ensino Infantil e Ensino Fundamental I



Na aldeia do Murutinga os indígenas dançam a “Dança da Cutia”, é uma dança que eles reverenciam os animais e a natureza ela surgiu há bastante tempo pelos antigos moradores, que hoje é passada para os mais novos. Sua coreografia é balançando o corpo pra lá e pra cá mexendo com os braços e cabeça girando de forma circular. Cada música fala de um animal.

A duração da dança é de aproximadamente 40 minutos, suas vestimentas é tanga feita de envira colhida na mata, pena de pássaros, palha para fazerem suas roupas, cocais e sementes de urucum para pintarem seu corpo; tudo isso é confeccionado pelos próprios brincantes.

Baseando-se nas ideias construtivistas de João Batista Freire [s.d], os objetivos da educação física têm contribuído nos estágios supervisionado, ideias essas se infiltra no interior da escola e o seu discurso estarem presente nos diferentes segmentos do contexto escolar. A proposta denominada interacionista-construtivista é apresentada como uma opção metodológica, em oposição às linhas anteriores da Educação Física na escola, especificamente à proposta mecanicista, caracterizada pela busca do desempenho máximo de padrões de comportamento sem considerar as diferenças individuais, sem levar em conta as experiências vividas pelos alunos, com o objetivo de selecionar os mais habilidosos para competições e esporte de alto nível.



Jovens alunos da escola indígena Manoel Miranda

Nessa dança indígena os jovens, adultos e crianças geralmente se apresentam em cerimônias na sua comunidade em homenagem ao dia do índio, quando são convidados a se apresentarem em outras comunidades e quando chegam algumas autoridades municipais e/ou estrangeiros na Comunidade. Nesse caso foi para execução da atividade prática de educação física da estagiária.

João Batista Freire declara na entrevista do Programa de televisão ESPA com Juca Kfourri a diferença de sua proposta em relação à abordagem desenvolvimentista afirmando não ser partidário de linhas da Educação Física que se identificam com a aprendizagem motora. Também afirma que não acredita na existência de padrões de movimento - termo utilizado pela abordagem desenvolvimentista -, pois as diferenças sociais, étnicas e culturais das diversas populações do mundo tornariam impossível qualquer padronização. O que se deve oferecer às crianças? FREIRE, [sd]:

Podemos dizer que a educação infantil deveria ser uma escola de **símbolos, de imaginação e fantasia**, pois a criança usa sempre uma espécie de jogo simbólico para se comunicar com a realidade. Não é à toa que ela transforma cabos de vassouras em cavalos ou espadas, bancos em naves espaciais, entre outras formas imaginativas para brincar. Dessa forma o professor deverá criar situações em que através de **dramatizações, faz de conta e jogos divertidos** o aluno possa desenvolver sua capacidade imaginativa.

Na educação física infantil deve-se observar o processo de desenvolvimento, oferecendo oportunidades para a vivência de experiências estimulantes. Percebe-se que João Batista prefere a utilização da expressão "esquemas motores", de origem piagetiana, que seriam, segundo o autor, organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, construções essas que dependem tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive.

Durante os dias de estágios na oportunidade de estar professora do ensino infantil e fundamental I possibilitou a professora estagiária o convívio com novas realidades educacionais, e assim, em coletividade com os professores indígenas elaborou os planos de aula selecionando materiais típicos da Comunidade, valorizando sua cultura. E esses planos de aula foram entregues a gestora da escola, por não haver profissionais formados em Educação Física os demais professores concordaram que a gestora fosse a preceptora da pesquisa de campo e acompanhasse os estágios realizados na escola indígena.



Arco e flecha

Assim, os estágios nas três turmas de educação infantil na aldeia, foi o suficiente para perceber a importância que os professores indígenas dão ao trabalho coletivo. Os planos de aula elaborados foram executados nas três turmas de educação infantil, cada aluno manifestava suas habilidades motoras conforme sua capacidade manifestada pela idade e desenvolvimento motor valorizando a cultura da localidade indígena inserindo no plano a “dança da cutia”, manifestação cultural na aldeia.

Além da dança, podem ser consideradas formas indígenas de Educação Física: os ensinamentos e as práticas referentes à ornamentação e à pintura corporal, os ritos de iniciação (envolvendo resguardos, corridas, danças e cantos), as maneiras adequadas de confeccionar artefatos, plantar, caçar, pescar etc. Não é comum incluir a confecção de utensílios e as atividades produtivas entre os objetos de trabalho da Educação Física. Essa inclusão, porém, é coerente com a definição abrangente quando se adota que quaisquer atividades envolvendo transmissão de conhecimentos e valores referentes ao uso do corpo pertencem à área da Educação Física.

De acordo com Paulo Freire, 1996.p., 12.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto* – *alguma coisa* – e um objeto *indireto* – *a alguém*. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo.

A partir daí, a criança começa a ter maior consciência sobre sua própria pessoa, iniciando a formação da sua autoimagem. Em seguida, a criança vai iniciando a sua vida social ao formar pequenos grupos, porém ocorre uma troca constante de amizades e de grupos (escola, clubes, etc.). Esse intercâmbio social é

essencial, pois leva a criança a se adaptar a diferentes papéis, reconhecendo-se como pessoa.

Na Educação Escolar Indígena o processo ensino-aprendizagem é um desafio para os sujeitos envolvidos no processo, a partir do tripé: professor, aluno e comunidade. Como realizar um trabalho pedagógico respeitando as raízes históricas de seu povo, os diferentes saberes, cultura, língua e tradição. Como articulá-los com outros conhecimentos. É necessário entender a complexa funcionalidade das culturas e suas dinâmicas sociais. Mantoan (2002) declara que “a quebra dos muros e das paredes que impedem a integração do ambiente escolar com a vida que acontece fora é uma tarefa que não visa demolir a escola, mas reconstruí-la [...]”.

A educação física permite esse fato acontecer, os muros dos preconceitos, das indiferenças sociais caírem na sociedade. Toda comunidade escolar e a professora estagiária elaboraram materiais para o desfile no dia 05 de setembro em Autazes como: cartazes, faixas e outros materiais que auxiliassem na manifestação do tema no evento cívico, a diversidade cultural.



Todos os pares da escola participaram com bastante interesse no bom resultado do trabalho do dia 05 de setembro na participação da escola no desfile no Município de Autazes, como também, no dia 07 de setembro sendo o desfile na Aldeia.

Observa-se que a escola não é o único lugar de aprendizagem. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros. Da mesma forma, depara-se com valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas, que devem ser compreendidos e trabalhados numa perspectiva pedagógica.

João Carlos Kiã, professor Kaxinawá apud RCNEI, 2002 declara que: “As brincadeiras são essas: é jogar bola e pegar no braço e vão tomar banho no rio, lá no rio brincar de pira. Agarrado no braço e botando muita força pra ver qual que derruba o outro. Se derrubar o outro vai ganhar o jogo”.

Os processos próprios de aprendizagem de cada povo indígena perpassam pela sua relação com os recursos natural. A sua cosmovisão, com o contanto com a natureza de diversas formas por meio de seu mito de origem, as lendas, o grafismo corporal, os seus rituais, alimentação, expressam o quanto as vivências estão relacionas.

No Ensino Fundamental II algumas atividades programadas pela professora estagiária no planejamento foram de acordo com a realidade dos alunos, como

exemplo: a atividade de natação, canoagem, pular n'água (mergulhos, saltos) que estavam já programadas no plano de aula não foi possível executar-los devido o rio estar seco na época.

De acordo com Monte, (1996, p39):

O currículo não é um programa estabelecido a priori, mas se constrói durante todo o processo educativo, a partir da identificação de centros de interesses, das áreas temáticas e das necessidades prioritárias pela comunidade [...]. O processo de aprendizagem e, portanto, o currículo, deve ser constituído pelos conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas e conhecimentos relevantes das outras culturas.

A partir dessa contextualização, novas perspectivas de comportamento, valorização e respeito foram sendo construídas. Ao conhecer a realidade dos alunos e trabalhar esses conhecimentos de mundo em paralelo aos outros conteúdos programáticos o professor possibilita aos alunos indígenas a valorização de sua identidade, sua história e cultura.



Boca de forno



Pira cola

A área de Educação Física escolar pode estar voltada para o *objetivo* compatível com as demandas e realidades indígenas atuais: trata-se de fazer com que o aluno, a partir dos conhecimentos próprios de sua cultura e dos conteúdos aprendidos nas outras disciplinas escolares, conheça e avalie criticamente aqueles elementos da "cultura corporal de movimento" (brincadeiras, jogos, esportes, exercícios de ginástica, danças, lutas etc.) da sociedade envolvente que, na perspectiva indígena, forem mais interessantes e atraentes. Na obra Aldeias indígenas Mura, escrita por Silva [et al] (2008) destaca que:

A educação indígena é aquela que nós aprendemos no nosso dia-a-dia, são os modos como aprendemos e repassamos os nossos hábitos, costumes, crenças, e tradições. Ela é transmitida de pai para filho. Costumamos preservar o lagos, igarapés, rios e cabeceiras. Em nossa aldeia os pais ensinam seus filhos a preparar os utensílios que serão utilizados nas atividades de pesca e caça, bem como a fazer artesanatos.

Até hoje na aldeia os mais velhos contam sobre mitos que acontece, existem as parteiras, os pajés. Houve uma transformação na aldeia, porque os homens (políticos) usaram a sua mão de obra para transformar a aldeia em vila.

Os jogos e brincadeiras da realidade da criança são atividades que, por meio de vários movimentos, gestos, saltos, corridas, lançamentos, equilíbrios, etc, estimulam o desenvolvimento do corpo.

Podem-se considerar esses jogos e brincadeiras tradicionais importantes para a produção do conhecimento, da afetividade, do corpo e do movimento das crianças, além de serem situações desafiadoras e significantes, iniciando assim a valorização de sua cultura, e de sua identidade.

3.1.1. O Currículo de Educação Física na Educação Indígena

O currículo, em todos os seus aspectos, deve corresponder à realidade sociocultural e aos interesses de cada grupo. Senão, “currículos formados privilegiando conhecimentos pragmáticos, ligados às atividades econômicas e profissionais geram escolas que camuflam as desigualdades”. (GHEDIN, 2007, p.76).

Fez-se necessário a elaboração dos planos de aula objetivando-se a revitalização de jogos tradicionais da Aldeia do Murutinga, brincadeiras, danças da realidade da localidade, dos discentes para ingressar no currículo da disciplina de educação física na educação escolar indígena. Por motivo da escola não possuir Plano de Curso de Educação Física, utilizou-se o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena) contextualizando com a realidade indígena da Aldeia do Murutinga para elaboração dos planos de regências.

Como todo planejamento é flexível e pode ser alterado conforme a realidade do momento e da situação ocorrente ao desenvolvimento das aulas, tanto teóricas como na prática de educação física, algumas atividades programadas pela professora estagiária no planejamento foram mudadas, como exemplo: a atividade de natação, canoagem, pular n'água (mergulhos, saltos) não foi possível executá-los devido o rio estava seco e dificultando o desenvolvimento do planejamento das atividades programadas, com isso ocorreram mudanças no planejamento e outras atividades de conhecimentos das turmas foram realizadas de consonância com os discentes.



O currículo de Educação Física pode ajudar a formar alunos críticos, capazes de refletir sobre essas situações de conflito relacionadas às culturas corporais indígenas; estudantes capazes de indagar: será que é assim mesmo? Será que a relação entre os esportes "modernos" e os jogos e práticas corporais indígenas é de mera substituição? Não é realmente possível conciliar os dois tipos de atividades? Conforme, Lucas Rumi'lo, professor Xavante, MT apud RCNEI

(2006,323): “A aula de educação física deve promover o complemento das atividades físicas da aldeia/comunidade”.

Tiro ao alvo



Nisso, o currículo escolar indígena de educação física constitui-se em um processo de construção coletiva e permanente, representando os interesses comunitários, visando ao etnodesenvolvimento desses povos. É necessário buscar uma metodologia de pesquisa e ação que tenha como ponto de partida e de chegada a prática social da coletividade, que busque uma adequada sistematização do saber em função de suas demandas e necessidades.

As atividades de educação física nos estágios foram elaboradas conforme a realidade da idade/ano letivo do aluno, da comunidade indígena e a disponibilidade de materiais esportivos na escola. É de suma importância a participação da comunidade no processo pedagógico da escola, fundamentalmente na definição de objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, é prioritária para a efetivação de uma educação específica e diferenciada.

Rabo de macaco



Portanto, os currículos das escolas indígenas devem considerar os aspectos antropológicos e os processos próprios de aprendizagem das comunidades, considerando-se a especificidade de cada povo e as suas inter-relações sociais, a dinâmica de sua economia comunitária e as suas formas de representações do mundo, por meio de narrativas e outras expressões culturais.

3.1.2 - A Formação e o profissional de Educação Física para Educação Indígena

Para o professor Lucas Rumi'o Xavante, MT apud RCNEI (2003, p. 328): “O professor de educação física deve sempre recomendar aos alunos de participarem com gosto, pois se preparam para resistir a movimentos mais cansativos e pesados”.

Durante o estágio de observação no Ensino Fundamental II no horário vespertino, observou-se os desenvolvimentos das atividades dos professores de educação física, as metodologias adotadas e recursos utilizados nas aulas práticas. Percebeu-se também que a única atividade desenvolvida é o futebol, o professor conduzia a turma a uma área perto da escola de barro batido, entregava as bolas para os alunos e eles mesmos formavam os times e jogavam.

O time que ganhasse o jogo no tempo determinado com mais gols permanecia em campo e entrava o próximo time se houvesse, caso contrário, a turma passava o tempo de aula de educação física jogando bola debaixo de sol quente, pois a área disponível perto da escola não tem cobertura. E o interessante é que os alunos gostavam de realizar essa atividade, eles não se fadigavam de estarem jogando futebol.

Com isso, não se pode ignorar, o valor que os jogos, enquanto conteúdos da educação física escolar possuem, principalmente por suas características fundamentais: a ludicidade, a liberdade e o prazer. Estes se diferenciam do Esporte, pois não precisam estar sujeitos a regras rígidas, uma vez que sua essência repousa no divertimento e na descontração. E pode ser, portanto, através das experiências lúdicas vivenciadas nos jogos que comece a desenvolver, na escola e comunidade, os valores que devem ser fortalecidos nas atividades esportivas.



No estágio houve a necessidade da estagiária se reprogramar para o desenvolvimento da regência, os estágios anteriores (observação e participação) contribuíram pra isso, pois pela falta de um acompanhamento curricular, os professores que lecionam a disciplina na escola indígena por não serem profissionais na área ficam sem orientações pedagógicas para melhorar suas práticas educativas nas aulas de educação física.

Devido a falta do profissional de educação física na escola indígena, se pode ter como justificativa tais procedimentos metodológicos e “mecânicos” nas aulas desta disciplina que muito tem a contribuir no processo ensino aprendido de forma contextualizada numa comunidade indígena que é rica de informações através de sua cultura e tradições. Mediante RCNEI (1998, p.336):

Acredita-se que a figura que melhor se presta à condição de professor intercultural de Educação Física é aquele membro da própria comunidade, bilíngüe/ multilingue, se for o caso, conforme cada

situação, que também seja o responsável pelos conteúdos escolares das outras áreas. E que tenha alguma familiaridade com os conteúdos da Educação Física. Caso não tenha, ao menos deve ter interesse em se familiarizar com tais conteúdos; os cursos de formação são uma boa ocasião para que comece a se inteirar dos assuntos da área.

Os professores da Escola Municipal Indígena Manoel Miranda são cursistas da Universidade Federal do Amazonas, porém estão se formando em outras áreas de conhecimento e são esses professores que residem na comunidade que lecionam a disciplina de educação física na escola conforme sua lotação.

O que se requer do profissional de educação física na educação escolar indígena é a disposição para estar permanentemente recolhendo e elaborando novas informações e conhecimentos nessa área; seja por meio do contato com os membros mais velhos da comunidade; seja procurando, sempre que possível, trocar ideias com professores de outros grupos e outras escolas; seja, ainda, por meio da leitura das "páginas de Esporte" de jornais, e também de livros sobre as histórias e os fenômenos que acontecem com as modalidades esportivas no Brasil, na América Latina e no mundo, bem como da atenção a programas esportivos de televisão e de rádio. É importante, ainda, o conhecimento de aspectos regulamentares, técnicos e táticos dos esportes.

Jogos de futebol



É evidente que as atividades dessa disciplina incluem a prática de jogos, brincadeiras e esportes. Mas, junto com a capacidade de organizar atividades assim, o professor precisa estar imbuído, fundamentalmente, do sentido da atividade de pesquisador da área da cultura corporal de movimento: a de seu próprio povo, a de outros povos indígenas e a da sociedade envolvente.

Pula corda



No mais, além dos jogos de futebol já utilizado pelo professor da disciplina na escola com as turmas, acrescentaram-se outras atividades que trabalhassem o coletivo, como exemplos: corrida de bastão, tiro ao alvo, cabo de guerra, rabo de macaco, pular corda e a dança típica da localidade indígena 'dança da cutia'.

Nos estágios a professora pesquisadora procurou adotar nos planos de aulas para execução no estágio de regência, a coletividade, o trabalho grupal com os demais professores indígenas, alunos e a gestora professora Amélia Braga na elaboração do planejamento. Nisso acrescentou-se algumas atividades que pudessem ser desenvolvidas utilizando os próprios recursos que a Comunidade oferecia.

Uma das principais tarefas do professor de Educação Física é investir em um trabalho de reflexão crítica sobre as condições e os significados da introdução e do desenvolvimento dos esportes "dos brancos" nas sociedades indígenas, com o tempo, contribuir para a superação dos conflitos em torno deste assunto. O professor, nestes casos, é como um "mediador" e um "articulador" de posições opostas e conflitantes que existam na comunidade.



Não se pode esquecer que existem questões relacionadas à prática esportiva que podem implicar conflitos no interior da comunidade, como a própria possibilidade de o esporte resultar em atitudes violentas, ou a adoção (ou não) de critérios diferentes para as atividades físicas de meninos e meninas, rapazes e moças, exigem atenção do professor de educação física para o desempenho desse papel de mediador e articulador. Então, cabe aos profissionais da educação física na área indígena estar preocupados em construir um ambiente sóciomoral e afetivo positivo, não privilegiando a competição (rivalidade), não selecionando e excluindo os participantes nos jogos, mas valorizando a importância da coletividade esportiva.

É preciso que o professor desenvolva, individualmente e também junto com os alunos, a capacidade de refletir sobre o campo de conhecimento que vai assim se construindo, elaborando uma leitura crítica das práticas esportivas e da sua situação na comunidade onde vive na sua realidade mais próxima e no restante do País e do mundo. Como também, a formação e valorização desses profissionais, especialmente, no processo educativo na Zona Rural do Município de Autazes apresentam-se, hoje, como um grande desafio e um elemento essencial para a melhoria da qualidade do atendimento em geral crianças, jovens, adultos e idosos.

Momentos de orientações: professora estagiária/alunos



No mais, familiarizar os professores indígenas com a área da educação física é favorecer sua compreensão de que a elaboração de currículos da disciplina, nas escolas em que trabalham, depende de sua atuação como pesquisadores. Em suma, faz-se necessário a presença do profissional em educação física que entenda a Pedagogia da infância e da adolescência, suas fases de desenvolvimento e suas especificidades valorizando a cultura de cada localidade em que a escola, a família da criança esteja inserida.

3.1.3 A Educação Física e a Avaliação na Educação Indígena

Na área da Educação Física, a avaliação do aprendizado está relacionada a dois aspectos: o desempenho físico do aluno e a sua capacidade de compreender e auxiliar na produção do conhecimento. Quanto ao desempenho físico, é importante frisar que indivíduos diferentes têm competências e habilidades distintas: um "bom corredor" ou "bom jogador" não é, necessariamente, um bom aluno. Em termos de habilidades físicas, o bom aluno é aquele que *progride*, que *melhora* ao longo do processo de aprendizado. Mas esse progresso só pode ser avaliado com base nas capacidades e características pessoais de cada um.

Conforme o Parecer do Professor Lucas Rumi'o Xavante, MT apud RCNEI (2002, p.326). "Por isso também queremos que na aula de educação física exista a preocupação pela reanimação, reavivação da importância da cultura como um todo". A partir desse mesmo trabalho - que se pode chamar de "reanimação cultural crítica"-, a Educação Física escolar pode ser, ainda, um espaço de sistematização de conhecimentos, técnicas e valores corporais.



O professor, junto com seus alunos, pode elaborar textos, fotografias, desenhos, vídeos e etc, sobre sua cultura corporal, a serem aproveitados de

diferentes maneiras: como material didático na própria escola; como material de divulgação da cultura indígena para a sociedade envolvente; ou como objeto de troca com outras comunidades indígenas que venham a produzir algo semelhante.

Os trabalhos que os alunos produzem utilizando a pintura, colagem, produção de artesanatos ficam todos expostos na própria escola, na parede, na secretaria visível a toda a comunidade indígena e para os demais visitantes. Percebe-se, que a disciplina de Educação Física também serve para divulgar os aspectos corporais das culturas indígenas para a sociedade brasileira, para estimular a troca de conhecimentos e técnicas dos povos indígenas, é capaz de despertar o aprendizado de habilidades, tais como: a cooperação, o trabalho em equipe, a resolução de problemas, a disciplina, a liderança. E de valores como: o respeito, a honestidade, a confiança, o jogo limpo, a tolerância, a solidariedade, o valor do esforço e de como lidar com a vitória e com a derrota. Os estágios na Escola Indígena Manoel Miranda na Aldeia do Murutinga possibilitaram aos participantes: alunos, professores e comunidade a importância de se obter noções para a melhoria da qualidade de vida; caminhos para a reflexão crítica e o diálogo, como também os alunos poderão ampliar seus conhecimentos acerca do próprio corpo, de suas necessidades, capacidades e limites, suas relações com os demais, iguais e diferentes; aguçando a curiosidade, a comunicação, a interação, a cooperação e, conseqüentemente, a autonomia e elevação de sua autoestima valorizando sua cultura, sua identidade indígena. Os jogos são fundamentais na vida dos alunos. Não somente pelo impacto que tem sobre a saúde, reduzindo a probabilidade de muitas doenças, mas, sobretudo porque o esporte envolve participação, reúne indivíduos e comunidades e, portanto, promove a diversidade e inclusão social. E como é visto essa inclusão? Não se pode deixar de repensar questões importantes sobre o acesso a essa prática esportiva nas escolas.

Então, até que ponto os alunos que não dominam ou não possuem habilidades específicas relacionadas às modalidades trabalhadas tem, verdadeiramente, a oportunidade de participar ativamente das aulas de Educação Física? É um ponto a se pensar. Defende-se a promoção do esporte escolar, sobretudo como um meio de socialização, com as oportunidades de desenvolver formas solidárias e cooperativas de organização de grupos.

Conhecer regras, fundamentos técnicos, táticas de jogo e noções de arbitragem de esportes como o futebol, o vôlei e o atletismo é uma habilidade complexa, que merece tratamento gradual, conforme a maturidade - física e social - do aluno. Conforme RCNEI (2002) alguns critérios que podem ajudar a avaliação desta área nas escolas, ao final de seu estudo, será analisar se os alunos são capazes de:

- entender que a Educação Física não acontece só na escola, mas está presente em diversas atividades rituais e cotidianas;
- diferenciar os elementos da cultura corporal indígena que precisam da escola para serem transmitidos e os que não precisam;
- ajudar a transformar a prática esportiva, de simples divertimento, em objeto de conhecimento;
- compreender os significados culturais de atividades físicas tradicionais de sua cultura que estavam "esquecidas" (quando houver); valorizá-las; entender por que não estavam mais sendo praticadas; auxiliar no trabalho de pesquisa que leve ao seu "resgate";
- ajudar a criar maneiras de divulgar a cultura corporal de movimento de seu povo;

- conhecer regras, fundamentos técnicos, táticas de jogo e noções de arbitragem de esportes como o futebol e o vôlei;
- avaliar criticamente esportes como o futebol, o vôlei e o atletismo, e elementos da cultura corporal de outros povos, segundo os valores culturais indígenas e os conhecimentos de outras disciplinas escolares;
- dedicar-se às atividades físicas propostas com desenvoltura crescente.

A avaliação sistemática e contínua produz informações significativas quanto à necessidade de intervenção oportunas para a correção das ações (flexibilização do processo), sobretudo em se tratando de projetos que enfatizam a prática socioeducativa conscientizadora. Refletir sobre esses aspectos é fundamental para tornar significativa a contribuição do lazer na formação de valores culturais. Mas é necessário ressaltar que o lazer configura-se com um campo multidisciplinar, por meio da participação de profissionais com diferentes formações (Arte, Educação, Educação Física, Pedagogia, Psicologia, Turismo, etc). Mediante a atitude profissional da professora estagiária, para Gonçalves (2009):

O professor de educação física torna-se um agente importante para o sucesso da ação [...] e cabe a ele conduzir, gradativamente, o envolvimento dos principais interessados. Ressalta-se aqui a importância de um trabalho interdisciplinar para que, além dos alunos, os demais professores estejam envolvidos no planejamento do trabalho, uma vez que se trata de uma atividade multicultural.

Neste processo de ensino-aprendizagem, o olhar do professor deve pautar-se na busca da autonomia de seus aprendizes, ampliando as possibilidades de construção de conceitos, atitudes e procedimentos, em vez de simples reprodução e memorização de conhecimentos.

Assim, o professor torna-se um mediador do trabalho pedagógico para que o educando compreenda o seu "eu", relacionando-se com o outro, a partir do conhecimento do seu corpo, como instrumento de expressão e satisfação de suas necessidades, respeitando experiências anteriores e dando-lhe condições de adquirir e criar novas formas de expressão. Vale destacar, que o trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

Em suma, a característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as disciplinas de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino, ação-reflexão-ação.

4. METODOLOGIA

A partir do dia 20 de agosto de 2012 numa segunda feira no horário matutino a estagiária estivera na escola municipal Indígena Manoel Miranda para dar início ao

estágio supervisionado. A gestora recebeu a estagiária com muito entusiasmo e apoio a pesquisa de campo, logo a gestora conduziu a estagiária em todas as salas de aula nos dois horários apresentando aos alunos e informando-os o objetivo da presença da professora pesquisadora na escola. No mais, o corpo administrativo, serviços gerais e docentes já conhecera a estagiária por ela já ter trabalhado na escola durante dois anos consecutivos, obtendo experiências de se trabalhar com uma educação diferenciada voltada para o resgate de culturas e valorização da identidade indígena. Depois disto, a professora pesquisadora se deslocou as residências das lideranças indígenas, o presidente e vice-presidente da Aldeia: Tuxaua e sr^a Maria para cumprimentá-los e avisar de sua estadia na aldeia, logo pedindo permissão para realizar o estágio supervisionado e pedido liberdade para desenvolver as atividades de intervenção na escola e na aldeia quando houver a necessidade da participação da Comunidade Indígena. Com a autorização das lideranças e as assinaturas dos termos de compromisso dos estágios de observação e diagnóstico da escola, como também o trabalho pedagógico dos professores de educação física do ensino infantil e fundamental I e os estágios de participação e regência nas mesmas modalidades citadas consideram-se com isso iniciados os períodos de estágios supervisionados na Escola Municipal Indígena Manoel Miranda.

4.1. Estágios de Participação – Educação Infantil e Ensino Fundamental I

A partir do dia 22, 23, 24 e 27 de agosto no horário da manhã na educação infantil a professora em estágio colaborou com a professora titular da turma na sala de aula lhe ajudando nas atividades das crianças, nas brincadeiras, nas organizações das atividades em grupo. Como também auxiliando as professoras das salas de aula da educação infantil no horário do recreio, ajudando-as nos planejamentos das aulas e correções das atividades individuais e em grupo. Às vezes realizava chamada no diário de classe, nas atividades físicas fora da escola e participava de reuniões de pais e comunidade na Aldeia.

No horário vespertino, nos dias 22, 23, 24 e 27 de agosto de 2012 acompanhou as aulas dos professores do Ensino Fundamental 4º e 5º ano, auxiliando os professores quando necessitavam se ausentar da sala de aula, como também na correção das atividades de matemática, língua portuguesa e outras disciplinas. Nas atividades de educação física contribuía na execução dos jogos propostos pelo professor nas equipes, quando necessário, sendo a juíza das partidas de futebol, por exemplo.

Nesse período a estagiária elaborou juntamente com os demais professores da escola materiais para a marcha como cartazes, faixas e outros materiais que auxiliassem na manifestação do tema da marcha, a diversidade cultural. Todos os pares da escola participaram com bastante interesse no bom resultado do trabalho do dia 05 de setembro na participação da escola no desfile no Município de Autazes, como também, no dia 07 de setembro de 2012 sendo o desfile na Aldeia. E assim a estagiária teve que acompanhá-los nos ensaios levando água para os alunos beberem e orientando-os a postura correta dos pelotões.

4.1.1. Estágios de Regências – Educação Infantil e Ensino Fundamental I

Durante os dias de estágio de regência a estagiária obteve oportunidade de ser regente de ensino na educação infantil e ensino fundamental I, elaborou planos

de aula selecionando materiais típicos da Comunidade, valorizando a cultura dos alunos, e esses planos de aula foram entregues a gestora da escola, por não haverem profissionais de Educação Física os demais professores concordaram que a gestora acompanhasse os estágios de regências realizados na escola pela professora estagiária.

Assim durante dez dias houve o estágio de regência pela manhã nas três turmas de educação infantil, os planos de aula elaborados foram executados nas três turmas de educação infantil, cada aluno manifestava suas habilidades motoras conforme sua capacidade manifestada pela idade e desenvolvimento motor havendo muito cuidado em não propor jogos, atividades física, brincadeiras que propusessem em risco a integridade física da criança.

E no horário vespertino, durante os dias de estágio de regência do dia 28/08 a 07/09 de 2012 no ensino fundamental I foram desenvolvidas atividades teóricas e práticas de educação física com os alunos, como também na educação infantil, os ensaios dos pelotões para o desfile em Autazes para o dia 05 de setembro e desfile na Aldeia dia 07 de setembro de 2012 assim citados anteriormente não atrapalharam os desenvolvimentos das atividades propostas no plano de aula devido à estagiária incluir esses ensaios nos planos devido à realização do horário desses ensaios que eram realizados no período de horário escolar, pois havia alunos que não moravam na aldeia e precisavam pegar transporte aquático para ir para suas residências, por exemplo, motor de popa (rabeta) e barco escolar. Mediante os resultados do estágio de observação os planos de aula foram elaborados conforme a realidade da Comunidade indígena realizando assim a contextualização dos conteúdos programáticos com a educação escolar indígena, como de exemplo a Dança da Cutia, tanto os segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental I nas atividades de regências participaram juntamente com a Comunidade, por ser uma dança tradicional na Aldeia o plano escolar foi adaptado conforme a realidade da localidade; tiro ao alvo utilizando o arco e flecha que é de comum você encontrar crianças brincando na aldeia com esses instrumentos de caça.

4.2. Estágios de Observação, Participação e Regência – Ensino Fundamental II.

Durante dois dias 14 e 17/09 de 2012 realizou-se o estágio de observação dos 6º ano, 7º ano e 8º ano. No horário vespertino, observaram-se os desenvolvimentos das atividades dos professores de educação física destas turmas supracitadas.

Em observância percebeu-se que a única atividade desenvolvida é o futebol, o professor conduz a turma a uma área perto da escola de barro batido, dar as bolas para os alunos e eles mesmos formam os times e jogam. O time que chegasse a ganhar o jogo no tempo determinado com mais gols permanecia em campo e entrava o próximo time se houvesse, caso contrário, a turma passava o tempo de aula de educação física jogando bola debaixo de sol quente, pois a área disponível perto da escola não tem cobertura.

E nos dias 18, 19, 20 e 21 de setembro de 2012 iniciou-se o estágio de participação no Ensino Fundamental II com o objetivo da estagiária de auxiliar o (a) professor (a) tutelar de educação física, sem, contudo, de assumir a responsabilidade pela aula. Como apoio docente, a estagiária acompanhava as aulas dos professores e ficava a disposição dos mesmos no auxílio a fazer chamada de classe no diário escolar, no desenvolvimento das atividades de educação física, jogar bola (futebol) e também no apoio a atividades pedagógicas na diretoria da

escola, por exemplo: organização dos tempos de aula; acompanhamento de reunião entre os professores e diretora.

No processo de estágio de regência em dez dias e no total de vinte aulas houve a necessidade da estagiária se reprogramar para o desenvolvimento da regência, os estágios anteriores (observação e participação) contribuíram pra isso, pois pela falta de um acompanhamento curricular, os professores ficavam sem orientação pedagógica para melhorar suas práticas educativas nas aulas de educação física. Devido a isso, se pode ter como justificativa tais procedimentos metodológicos e mecânicos nas aulas desta disciplina que muito tem a contribuir no processo ensino aprendizagem de forma contextualizada numa comunidade indígena que é rica de informações através de sua cultura e tradições. Então, se fez necessário à elaboração dos planos de aula objetivando-se a revitalização de jogos tradicionais da Aldeia do Murutinga, brincadeiras, danças da realidade da localidade, músicas tradicionais na aldeia pertencente à realidade dos discentes para ingressar no currículo da disciplina de educação física na educação escolar indígena.

De antemão, deixar claro que todo planejamento é flexível e pode ser alterado conforme a realidade do momento e da situação ocorrente ao desenvolvimento das aulas tanto teóricas como na prática de educação física. E assim ocorreu no estágio de regência no ensino fundamental II, algumas atividades programadas pela professora estagiária no planejamento de acordo com a realidade foram mudadas, como exemplo: a atividade de natação, canoagem, pular n'água (mergulhos, saltos) não foi possível executá-los devido o rio estar seco e dificultando o desenvolvimento do planejamento das atividades programadas, com isso ocorreram mudanças no planejamento e outras atividades de conhecimentos das turmas foram realizadas de consonância com os discentes.

4.3. Materiais

A Escola Municipal Indígena Manoel Miranda não possui quadra esportiva para os desenvolvimentos práticos das atividades físicas nas de educação física, o professor e alunos se deslocam para uma área livre com barro batido ou para uma área bem próxima a escola no meio do seringal o qual proporciona sombra no local permitindo a realização das aulas propostas no plano de aula da estagiária. É de destacar que a escola não possui material esportivo suficiente a disposição do professor para a prática das atividades disciplina de educação física.

Abaixo relação de todos os materiais utilizados no decorrer de todas as atividades de regências nos estágios supervisionado nas duas escolas supracitadas:

Bola de futsal, bola de futebol, corda grossa (cabo), arco, flecha, bambu, pedaço de pau (bastão), Referee (apito), papel ofício, pincel atômico, tesoura, cola, faixa, urucum, tambor, papel madeira, cartolina, microfone, aparelho de DVD, caixa de som, isopor e outros.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estágios realizados na educação infantil, ensino fundamental I e II, contribuíram para que a professora pesquisadora analisasse o fazer pedagógico da disciplina de educação física, as aulas ministradas pelos professores eram “mecanizadas”, e os alunos já realizavam as mesmas atividades recreativas de sempre, como em todas as aulas. Com uma proposta metodológica de revitalização/ e

ou valorização dos jogos tradicionais da aldeia, jogos e recreação da realidade do cotidiano do aluno as aulas práticas de educação física se tornaram dinâmicas.

Além de ficarem brincando somente de pira-cola e às vezes não havia aula de educação física, as crianças da educação infantil puderam nos estágios participarem da “dança da cutia” juntamente com os alunos do ensino fundamental I. Esta dança é da realidade cultural da aldeia, é de suma importância acrescentar no plano de curso da escola essa dança, assim como outras atividades recreativas, jogos tradicionais, brincadeiras e músicas indígenas, proporcionando com isso, aos alunos, professores e a comunidade indígena o ensino e aprendizado significativo e crítico em todos os contextos sócios educacionais. No mais, a aulas práticas de educação física no ensino fundamental II na escola indígena teve grandes impactos aos alunos, os quais já estavam habituados a jogarem somente futebol no horário de estudo da disciplina em questão.

Em sondagem a realidade do discente a professora pesquisadora elaborou os planos de aula de conformidade com os conhecimentos de mundo dos alunos, com aprendizado que obtiveram de geração a geração, e também conforme as condições de recursos disponíveis na escola, na comunidade indígena. Como os alunos somente praticavam o futebol como antes citado, a participação em outras atividades esportivas, recreativas possibilitou aos discentes novas experiências, novos desafios e a construção de novos conhecimentos. Ao adotar alguns jogos e brincadeiras tradicionais, como exemplo, cabo de guerra, rabo de macaco, pira-cola, pula corda, cabo de guerra e corrida de bastão que fossem diferentes do jogo de futebol, o qual se tornava muito repetitivo, porém, não enjoativo, pois os alunos gostavam muito de praticarem o futebol chamou muita a atenção de todos os participantes do processo educativo na escola e mais, até os pais de alunos que moravam na aldeia iam assistir as aulas diferenciadas do que eles tinham o costume de verem pela janela de sua casa as atividades da educação física outrora realizada.

Foram gratificantes as experiências adquiridas pela professora pesquisadora em estágio, pois percebeu a importância do dinamizar o plano de aula, contextualizar os conteúdos programáticos a realidade do educando e trabalhar o coletivo na revitalização dos jogos, da arte indígena, pois foi com o apoio dos líderes da aldeia, da gestora da escola, dos professores e dos alunos que as aulas foram desenvolvidas, o estímulo proporcionado na relação amigável entre professor/aluno; aluno/professor; professor/professor; gestora/professor e professor/gestora.

Pode-se considerar como dificuldades encontradas nos estágios a falta de logística para o desenvolvimento das atividades da educação física, na aldeia não tem quadra esportiva, nem uma área específica na área da escola para o profissional de educação física desenvolver de princípios a noção de algumas modalidades esportivas que necessitem dessas estruturas para sua efetivação, como exemplo, handebol, futsal, basquetebol, voleibol foram jogos que não puderam ser desenvolvidos devidos a essa realidade logística. Diferente do estágio no ensino médio na sede do Município de Autazes, por mais que a escola não tenha uma quadra esportiva, as atividades foram desenvolvidas numa quadra poliesportiva próxima a escola pertencente ao bairro e, na escola estadual Raymundo Sá havia materiais de esporte, como bola de futsal, bola de basquete, bola de futebol que contribuíram para o desenvolvimento do estágio de regência.

Como também, não houve a possibilidade de desenvolver canoagem, natação, pois na época da prática dos estágios o rio estava de baixo nível e havia muito jacarés nas margens do rio dificultando com isso a prática de tais atividades, por precaução a estagiária em concordância com os professores da escola chegaram à conclusão da

necessidade de reelaborar o plano de regência com novas atividades substituindo as que antes já estavam previstas a ser executadas, praticando assim a estagiária na prática pedagógica a ação-reflexão-ação.

É importante destacar que por serem adotados os estágios numa área indígena no trabalho de pesquisa voltado para a valorização dos jogos, brincadeiras, danças tradicionais nas aulas de educação física na educação escolar indígena, não seja possível que a escola, os alunos, a comunidade conheça e desenvolva através das aulas de educação física o domínio em outras modalidades esportiva de outras culturas, favorecendo assim, a construção de novos conhecimentos com a realidade do outro e valorizando a diferença do outro. Mediante a isso, o desenvolvimento da educação escolar indígena na escola Mura, vem trabalhando o aprendizado dos alunos por meio do processo via pesquisa. A ideia principal é que a partir da pesquisa realizada, da investigação ao conhecer o outro surja a construção dos conteúdos. Os conteúdos surgindo a partir da pesquisa ou da necessidade de cada aldeia são desenvolvidos de forma interdisciplinar para não ser um trabalho fragmentado, levando em conta que a aprendizagem dos alunos não se limita por áreas de conhecimento e sim como um todo, resultados esses devido à contextualização aos Parâmetros Curricular e Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a educação escolar indígena seja realmente específica, diferenciada e adequada às peculiaridades culturais das comunidades indígenas é necessário que os profissionais que atuam nas escolas pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar. É consenso que a clientela educacional indígena é mais bem atendida através de professores índios, que deverão ter acesso a cursos de formação inicial e continuada, especialmente planejados para o trato com as pedagogias indígenas. No entanto, é bom lembrar que o profissional de educação física que não seja índio, mas atue em uma escola indígena também terá a competência e a capacidade de contextualizar as realidades culturais diferenciadas no processo educativo.

É de suma importância à prática da Educação Física na educação escolar indígena com interesses voltados a revitalização, a valorização dos jogos tradicionais das crianças Mura da Escola Indígena Manoel Miranda, a qual deverá ter como objetivo no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola de trazer a Educação Física sua contribuição na valorização da cultura indígena no desenvolvimento das crianças, pelas aprendizagens e transformações que a disciplina induz, sobretudo nos domínios motor, afetivo e cognitivo. Ou seja, é compreendida a importância formativa desta área enquanto disciplina que corporiza as atividades físicas com significado cultural.

Não se pode deixar de frisar que a função da Educação Física na escola indígena, além de contribuir no desenvolvimento do aluno na leitura, na escrita significativa e crítica é também possibilitar, conhecimentos sobre os hábitos, os costumes, as danças, as tradições, as crenças, os rituais; fazer com que o aluno, a partir dos conhecimentos próprios de sua cultura e dos conteúdos aprendidos nas outras disciplinas escolares, conheça e avalie criticamente aqueles elementos da "cultura corporal de movimento" (brincadeiras, jogos, esportes, exercícios de ginástica, danças, lutas etc.) da sociedade envolvente que, na perspectiva indígena, forem mais interessantes e atraentes e a busca de uma vida mais saudável. Enfim,

buscando a revitalização e valorização da cultura Mura, de outros povos indígenas e não indígenas, considerando os diferentes saberes específicos de cada povo, tanto indígena e não indígena.

Embora a escola indígena transmita os conhecimentos da sociedade envolvente para os alunos indígenas, os conteúdos estão sempre voltados para a realidade da aldeia e do próprio aluno, para que ele possa ter uma visão da realidade do passado e do presente, tendo uma perspectiva melhor de futuro. Com isso, a escola Mura desenvolve um sistema de ensino de forma coerente e significativo valorizando os recursos naturais para realização das atividades pedagógicas, como exemplo: o urucum usado para pintura dos alunos que dançaram o ritual da “dança da cutia”; pedaço do galho de uma árvore que estava no chão que serviu como “bastão” recurso utilizado no estágio de regência do ensino fundamental II - corrida com bastão. Então, toda concepção pedagógica deve estar voltada e articulada aos objetivos da escola indígena.

Em seu aspecto pedagógico, a escola indígena deve se contrapor à escola oficial como uma escola que se vincula com a sociedade, uma escola dos índios e a serviço deles, de seus interesses culturais, sendo um instrumento competente e crítico no contato com o mundo envolvente. Essa escola deve se constituir em instrumento de saber, na busca de sua autonomia como organização, deve estabelecer seus próprios objetivos, prioridades, conteúdos e metodologia e como espaço de resistência, ao exercer sua prática intercultural, a escola indígena busca articulação com outros movimentos sociais para assegurar seus direitos fundamentais.

Portanto, a educação física escolar indígena tem grandes influências no desenvolvimento significativo e crítico das atividades esportivas nesses lugares mais distantes da sede do município de Autazes, cabe agora por parte dos órgãos competentes a valorização dos profissionais que a Universidade Federal do Amazonas está formando no município. Assim, serão novas realidades, novos objetivos, novas fronteiras sendo rompidas nas aulas de educação física nas escolas públicas e privadas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Câmara dos Deputados Federais. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Câmara, 2000.

_____. **Lei 9.394 das Diretrizes e bases da educação nacional**: de 20 de dezembro de 1996. 3 ed. Brasília: MEC, 2007.

BROTTO, F.O. **Jogos cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. Santos: Projeto Cooperação. 2000.

BUCZEK, Maria do Rocio Marinho. **Movimento, expressão e criatividade pela Educação Física**. Metodologia, ensino fundamental, 1º ao 5º ano. 2 ed. Curitiba: Base Editorial, 2010.

FARIA. Ana Lucia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE. João Batista. **Entrevista no Programa de televisão ESPA com Juca Kfourí**. Vídeos da entrevista do Professor João Batista Freire – 5 vídeos. [s.d].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. (Coleção Leitura), São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA. A.G.da.[et al]. **Aldeia Indígena Mura**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

- SOARES, C. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOODY. J. **Domesticação do pensamento selvagem**. São Paulo: Editorial Presença, 1998.
- GONÇALVEZ. M.C; PINTO. R.C; TEUBER. S.P (Equipe Técnica BNL). **Coleção Repensando a Educação Física ao Ensino Fundamental**. Módulo 1. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.
- GHEDIN, L.E. (coord.). **Currículo e Ensino Básico**. Universidade do Estado do Amazonas. PROFORMAR. Manaus/AM: UEA Edições, 2007.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Produção de conhecimentos para abertura das escolas as diferenças: a contribuição do LEPED (Unicamp). In: ROSA, Dalva E. Gonçalves; SOUZA, Vanilton Camilo de; VEIGA NETO, Alfredo (Org.). **Políticas organizativas e curriculares: educação inclusiva e formação de professores**. 2002.
- MOREIRA. Wagner, Wey. **Educação Física: uma abordagem fenomenológica**. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- LOPES. Karina Rizek.(coord). (et al).**Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.
- LOPES. Kathya Augusta Thomé; José Pereira de Melo. **Educação física na adolescência**. Caderno Digital. p.,19-21.
- RCNEI. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da Educação, Secretaria Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

8. OBRAS CONSULTADAS

- LOPES. Kathya Augusta Thomé; José Pereira de Melo. **Educação física na adolescência**. Caderno Digital. p.,19-21.
- FREIRE João Batista. **Entrevista no Programa de televisão ESPA com Juca Kfour**i. Vídeos da entrevista do Professor João Batista Freire – 5 vídeos. [s.d].
- LOPES. Karina Rizek. (coord). (et al). **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.
- LIBÂNEO. J. Carlos. **DIDÁTICA**. Coleção magistério - série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.p.47.
- RCNEI. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**/Ministério da Educação, Secretaria Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- SILVA. A.G.da.[et al]. **Aldeia Indígena Mura**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.
- GONÇALVEZ. M.C; PINTO. R.C; TEUBER. S.P (Equipe Técnica BNL). **Coleção Repensando a Educação Física ao Ensino Fundamental**. Módulo 1. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009, p.11; 40.
- _____. **Coleção Repensando a Educação Física ao Ensino Fundamental**. Módulo 2. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009, p.07.
- RHODEN. Kuno. Paulo; S.J. (Pe.). **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena**. Processo: 23001-000197/98-03 e 23001-000263/98-28. Parecer Nº 14/99, Aprovado em: 14.09.99.